

52

recontado por
HERCULANO NETO



caetano veloso
TRANSA

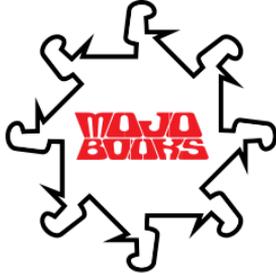
recontado por
VANESSA RODRIGUES



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador



VOLUME 52

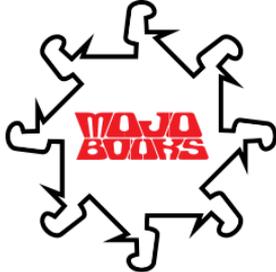
TRANSA
caetano veloso

lado A

recontado por **HERCULANO NETO**

lado B

recontado por **VANESSA RODRIGUES**



VOLUME 52

TRANSA
caetano veloso

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Kintzel**

Dezembro de 2007



lado A
TRANSA
por **HERCULANO NETO**



*Para a cidade de Santo Amaro,
amo a poesia de suas ruas e
“os riscos que corre essa gente morena”.*



*“Eu não sou daqui
eu não tenho amor
eu sou da Bahia
de São salvador”*

MARINHEIRO SÓ
(Cantiga Popular)



Londres. Deve ser pouco mais de nove da manhã - as manhãs daqui são como um amanhecer que não quer terminar. No céu sem discos voadores, um facho de sol ameaçou romper a barreira de nuvens gris, mas logo se recolheu, dando a essa nova manhã um aspecto similar às que conheci no interior da Bahia, quando saía sem destino do velho sobrado do meu avô, decadente herdeiro de um sobrenome baronesco feito outros tantos da região, solitário sob uma espessa bruma. Ninguém sabe quem sou, até eu me desconheço. Deve ser pouco mais de nove da manhã e ainda não dormi.

Ceguei ao prédio de *Notting Hill Gate*, onde moro com *junkies*, imigrantes (i)legais, desocupados e uma malta variada de típicos personagens do imaginário londrino, e decidi sair por aí. Vivo numa constante letargia, sem perspectivas ou objetivos, não vicejo, quase agonizo. Trabalho à noite num restaurante mexicano pertencente a um nicaragüense-com-cara-de-mafioso-italiano que idolatra Fidel e repele Che: “ficción”, adora repetir. Não discordo ou concordo com suas teorias, no

entanto me incomoda o seu insistente brado de “ficción” entre exageradas baforadas em uns charutos nada cubanos.

Nunca obedeci à cronologia da vida e a sua imposição de lógicas, no entanto, sinto algo, em mim, se despedindo: “Já não era a hora”, diriam satisfeitos os prematuramente vencidos pela idade - o adeus me escolheu como quem escolhe entre cores. Dificuldades se agrupam e esperam de mim uma força inusitada ou uma tristeza imediata - nada encontram. O que aguardar de alguém como eu? Poucos amigos, pouca sorte, poucas circunstâncias... Quase todos ignoram a minha parca existência, o que de certa forma, pra mim, é um enorme favor. Abduzido pela apatia, nenhum fulgor acrescento em quem naturalmente reluz, protagonizo farsas e acredito em absurdas hipóteses, o que me obriga a recomeçar a qualquer oportunidade menos trágica de felicidade. Longe dos holofotes da hipocrisia sou simplesmente um espectador que distraidamente assiste aos segundos e coleciona suas frustrações.

Deve ser pouco mais de nove, e até o cheiro orvalhado do parque com sua grama verde mais do que verde me traz uma antiga manhã.



* * *

Quando menino, Santo Amaro ainda não agonizava, mesmo com seus filhos mais abastados rumando pra capital em busca de um desejado diploma de “doutor” (*status* que substituiu os condes, viscondes e marqueses). Eu era apenas mais um, mais um de uma numerosa família que abrigava irmãos, sobrinhos, primos, tios, agregados. Mais um a correr divertido por caducas brincadeiras.

Sinto agora um saudosismo excêntrico, confesso. Saudade de “o vapor chegou” ou “vai partir o vapor”, que criava o maior rebuliço e disse-me-disse típico do Recôncavo, saudade da ausência de fronteiras ou distâncias, dos calçamentos de paralelepípedos, das matas de pés de araçás - meu reino encantado. Só me aquietava no trem pra Cachoeira ao ver as águas do Paraguaçu, as casas simples e coloridas do caminho ou nos passeios de bonde da companhia de Trilhos Urbanos, onde tudo era magia: o sergimirim; o largo da cruz; o cais de Araújo Pinho; os saveiros no Subaé. Nasci numa cidade cortada por um rio, corte que expõe minhas vísceras, deflagra a alma, ri no espelho feito uma cicatriz.



A Tower Bridge e o Tâmis nunca apertaram meu coração.

* * *

Peguei-me cantarolando uma canção do *Rubber Soul*. Estranhamente, já estou a alguns meses na Inglaterra e não escutei nada sobre eles: se eram legais, se fazem falta ou como eram enfadonhos – nada. Nenhuma roda de conversa ou música na programação das rádios piratas, num violão, por acaso... Quisera acreditar no contrário. Aliás, a cidade que conheço não combina nada com eles. Londres é um marasmo dia e noite, amorfa e cansativa, sequer me permitiu desfiar meus preconceitos. As pessoas são apáticas, evasivas e indolores, com sua pressa tranqüila não vejo nelas o ar de superioridade e esnobismo tão propagado. Não há dândis e ainda não fui apresentado ao famoso humor inglês.

Definitivamente, Beatles não combina com essa Londres, assim como não combina comigo.

Continuo cantarolando e nem sei bem o que é, talvez nem seja do *Rubber Soul*, talvez nem seja Beatles.



* * *

Aulas de latim, comunhão, missa... A presença da austeridade eclesiástica era uma constante na nossa família. Na Matriz da Purificação, entre sermões e hinos à Virgem Mãe Puríssima, o Padre José aproveitava para condenar a imoralidade e reafirmar que a Igreja deveria ser obedecida em toda circunstância e pros fornicadores, ímpios, ateus e hereges estavam reservadas penas eternas. Travesso, eu era admoestado freqüentemente, qualquer vidraça quebrada ou palavrão proferido era suficiente pra ser condenado a rezar ajoelhado não sei quantos Pai e Ave. Sabendo disso, todos os garotos tornavam-se anjos no confessionário. Lá em casa, como na cidade inteira, a trezena de Santo Antonio e a novena da padroeira conviviam harmonicamente com as milagrosas folhas das benzedadeiras e Orixás. (E, hoje, se essa dor não me tivesse, será que Deus me abençoaria?).

Lu, uma das muitas primas que vivia conosco, era a única pessoa que tentava quebrar a modorra santamarense. Ela costumava me levar às matinês dominicais do Cine Subaé, onde assistíamos às películas italianas, francesas e mexicanas. Vi

poucas fitas americanas, não porque não quisesse, mas Lu nunca gostou, dizia que aquilo não era cinema. Melhor pra mim: Greta Garbo, , Bette Davis, , Gina Lollobrigida. Tantas foram as divas que adornaram minha vida – mesmo assim nunca me impediu de colecionar fotografias das estrelas norte-americanas que me faziam chorar.

“Pra variar um pouquinho” ela me levou ao programa de calouros da rádio local (modismo da época) pra recitar um poema de minha autoria que eu, com a ingenuidade característica da idade, acreditava ser incrível. Eram somente três tercetos, coisa simples na forma e no conteúdo, onde não fazia uso de termos como “aves”, “céu”, “nuvens”, “sol”, “lua”, etc. Ao final do último verso o silêncio tomou conta do animado auditório, não sei se pelas longas pausas que fiz ou se pelas imagens pobres, cheias de oxímoros, só sei que aquilo foi deveras constrangedor.

Recentemente escrevi um poema em inglês repleto de “*sky*”, “*moon*”, “*sun*”, “*birds*”...

* * *



Vou ao cinema todos os dias.

Nem todos os dias almoço ou durmo ou vou ao banheiro, mas todos os dias vou ao cinema. Assim que desembarquei, mesmo sem saber em que lugar ficar, fui ao cinema - ato repetido até hoje. Assistia às produções na tela do Electric Cinema, onde me tornei *habituê*. Cada seqüência construída inusitadamente, cada texto e interpretação mais verossímil, cada personagem mais humano lembrava minha prima Lu.

(Prima Lu morreu sem conhecer um homem ou assistir a um filme americano).

Exausto de tudo, inclusive do cinema conceitual, passei, sem pudor, a freqüentar as sessões duplas (ou “veja dois pelo preço de um”) de filmes baratos de *kung fu* e pornografia nórdica em teatros decadentes cheirando a chiclete; entreguei-me, cotidianamente, a três horas contínuas de pancadaria e seios fartos.

Nessas sessões vi também vários de Marilyn Monroe, Elvis, Dean Martin e Jerry Lewis, Buster Keaton. O alívio da despreensão me serviu como um ácido lisérgico.



* * *

Durante o mês de junho, o frio se manifestava com maior intensidade, mas este – ao lado da chuva, da fumaça, das quadrilhas, do milho verde e do amendoim – era somente mais um dos ingredientes da festa a São João Xangô Menino. Eu costumava ajudar os mais velhos na prensagem do jenipapo pra confecção do licor em troca de algumas balas a mais da fruta. Durante esse período as tardes mortas em volta da praça ganhavam vida nova com as fogueiras, as bandeirolas e balões e os sanfoneiros que se apresentavam nos coretos decorados: qualquer baião do velho Gonzaga me tomava (ainda escutei “A Hora do Adeus” no táxi a caminho do aeroporto). Foram muitos os festejos juninos sem os conflitos e ansiedades que me perseguiriam, porém um que ficou em mim que nem um retrato de família que sempre esteve na parede da sala foi exatamente aquele que não choveu, não teve fogueira, bandeirola, baião na praça e nem bala de jenipapo. Apenas lamento pelos mortos num incêndio causado por fogos de artifício.



* * *

Há algumas semanas estive numa reunião de intelectuais e pseudos na casa de um fulano meio famoso meio *gay*, amigo-do-amigo-do-amigo-de-alguém que achou que eu poderia gostar de me envolver, “encontrar uma turma”. No apartamento praticamente não existia mobília, só gentes: escritores, artistas plásticos, atores, modelos, garotos de programa, *groupies*, travestis, resquícios de *beatniks*, viciados. A tribo vanguardista. O ambiente com luzes baixas era claustrofóbico, muitas conversas paralelas, muitos copos, papos irritantemente superficiais e controversos; bebida nem tanto. Jovens conservadores numa tentativa forçada de negação da *pop art*, do *flower power*, de Bob Dylan, de Sylvia Plath, mas quase todos em busca de um protótipo qualquer para emular um Andy Warhol/Jagger. Aquilo me soava tosco e cheio de pose, uma sofisticação cafona onde eu procurava efervescência cultural. Ali, com naturalidade, experimentei LSD pela primeira vez. Pensei que veria todas as cores imagináveis, como numa capa de LP de rock progressivo, no entanto apaguei completamente. Quando dei por mim, vi

imagens em preto e branco, tablóides com manchetes de um Brazil intercaladas com vozes dispersas, frases desconexas de repreensão. “Abrir as portas da percepção?” – apenas vertigem.

* * *

O que mais havia no velho sobrado, além de fantasmas de escravos e escravocratas, eram tias: irmãs de meu pai, irmãs de minha mãe, irmãs dos meus avós e outras tantas que por força do hábito se tornavam automaticamente tias. Todas possuíam sua função ou obrigação que cumpriam com uma alegria rigorosamente natural, das mais complexas às mais triviais, nem que fosse comprar verduras frescas na feira livre de sábado. Existia até a que colocava os pequenos pra dormir, ela organizava a balbúrdia infantil, trocava as roupas das camas, auxiliava na oração e dava um beijo de boa noite em cada um. Numa noite daquelas, enquanto todos adormeciam, ela me deu seu tradicional beijo, e mais um no pescoço e no torso nu, e no umbigo e vários no meu pau de menino - que ela colocou na boca e sugou com muita saliva e ferocidade, quase me machucando. Meu pau não ficou duro, mas ela não parou. Quando achou por bem terminar, respirou fundo e não quis me olhar, levantou e



saiu do quarto. Nas noites seguintes lá estava ela, organizando a balbúrdia, trocando a roupa de cama, auxiliando na oração e nos dando seu tradicional beijo de boa noite, como se nada tivesse acontecido.

Sexo-sexo, à vera, só conheci tempos depois, com Neide, a filha temporã da Nêga Dolor, nossa empregada. Minha avó, matriarca severa, tratava sua mãe como se ainda existisse escravidão, aos gritos e insultos. Aparentemente ela não ligava, talvez achasse que ainda vivia no tempo das sinhás. Mas com Neide era diferente, ela era indômita, dona do seu nariz não aceitava ordens nem da mãe, fazia o que queria e quando queria, não tinha recatos ou hora de sair e muito menos de chegar. Negra de porte altivo e personalidade marcante que desconhecia desacato e não levava desaforo. Parecia uma nobre. Modelo que jamais consegui imitar.

“Ainda quebro o cabaço desse moleque” – falava com uma gargalhada cínica sempre que me encontrava. Na primeira vez que ela me pegou à marra, atrás da mangueira do quintal, decepcionei e fiquei nas coxas (eu, aprendiz de punheteiro, me assustei com tanta responsabilidade). Na segunda oportunidade, num fim de tarde caloroso, com muito esforço e meio litro de aguardente, consegui permanecer dentro dela cerca de cinco



segundos. Primeiro porre, primeira paixão, coisas que não se esquecem facilmente – deveríamos ter mais ou menos a mesma idade.

* * *

Caminho a esmo com meus fantasmas pela calçada úmida de uma avenida britânica que não sei o nome, ao atravessar suas vias sem receio (como se andasse em círculos), alterno a velocidade dos meus passos conforme a recordação que me afaga. Levo as mãos nos bolsos de um casaco preto enorme, comprado sem pressa num bazar de domingo. Poucos passam por mim, mal os reparo e nas ruas quase não há o que se ver, lixo e vagabundos embalados com rótulos e pompa aristocráticos se acumulam – cartão postal da crise que consome o país. A paisagem é repetitiva e monótona, semelhante a um desenho animado da *Hanna & Barbera*, o ambiente parece não mudar.

Uma bandeira gasta do Tottenham numa janela e o colorado *démodé* dos *routemasters* tentam, timidamente, confrontar o eterno cinza londrino, sem muita sorte. O outono se avizinha no calendário e penso no que poderia ser mais clichê do que isso e não encontro resposta com facilidade - os dias e as



estações passam acenando por mim. Aguardo a passagem de um automóvel enquanto um grupo de jovens se aproxima de um policial, ele aparenta satisfação em seu impecável uniforme ao atender os garotos; e eu, que não o invejo, sigo cada vez mais distanciado de tudo.

Às vezes acho que apenas habito um corpo farto de alucinações.

* * *

Acreditando-me apaixonado, concebi para Neide um soneto, com versos totalmente cafonas e constrangedores ainda hoje ao relembra-los. Datilografei esmeradamente com fita vermelha, pus num envelope e me dirigi à praça do mercado, onde os negros com seus ritos afros comemoravam o 13 de maio batendo candomblé, o bembé, até o amanhecer - quando seria lançado ao mar o presente em agradecimento aos Orixás. Diz a lenda que no ano em que não é comemorado, uma praga cai sobre a cidade - aprendi a não questionar o invisível.

Ao chegar, não foi difícil encontrá-la: no centro de um grande círculo humano ela dançava freneticamente, enquanto entoavam dialetos incompreensíveis e louvores à Princesa

Isabé. Sua gargalhada já não parecia cínica, Neide estava muito feliz – algo que nunca fui. Enquanto observava, amassei o envelope calmamente e o atirei num monturo de resto de feira, sem amargor ou decepção. Conscientemente conformado.

Aproveitei pra acompanhar as manifestações culturais: a capoeira; o samba-de-roda; o nêgo fugido. Principalmente a malícia e leveza do maculelê praticado pelos discípulos do Mestre Popó. Costumava brincar tentando copiar os passos e a ginga que verdadeiramente admirava e que nunca me foi permitido aprender. Antes de ir, o mestre se aproximou de mim juntamente com dois mulatos fortes insinuando algo agressivo, medo desanuviado com seus gestos e voz lentos, e me disse, entre outras coisas, que eu era um preto de casca amarela, sempre rindo com seus poucos dentes, e que eu deveria carregar a sina do meu passado sozinho: “O quê, oquê-arô , se perder não, esconder não. O quê, Oxossi oquê-arô”.

Talvez hoje ainda se festeje o Bembé do Mercado.

* * *



Abandonei as aulas de inglês pra estrangeiros quando descobri a beleza e cumplicidade do silêncio. Resolvi me tornar um ouvinte passivamente confortável, de atos e olhares econômicos, sem contestações ou divagações – de tão contido, sou quase invisível. Por falta de opção, monossílabos são substituídos por frases curtas e precisas, onde, com pouquíssimas palavras, digo o estritamente essencial.

“Cala por extravagância”, há quem diga.

Tenho poucos amigos, uns dois colegas de trabalho; uns três fregueses mais assíduos do restaurante; um traficante porto-riquenho, vizinho de quarto; uma funcionária do cinema; talvez uns cinco, no máximo. Verdadeiramente, não são amigos, reles conhecidos que memorizaram minhas feições, pessoas que cobram de mim um sorriso, alguma palavra a mais, uma história de índigenas e serpentes gigantes ou sobre orgias carnavalescas em Buenos Aires.

Cala por desalento, há quem pense.

Só não quero contato com brasileiros. Os que encontrei me trataram como se eu fosse um desaparecido, abraços demorados e apertados, efusivos beijos e gargalhadas, teve até quem chorou.

Calo pelos brasileiros.

* * *

Meu ensino era completado em casa, com direito ao rigor da época e ao sabor das belas letras. Raros eram os livros que tínhamos e mesmo não existindo livraria ou biblioteca na cidade, os versos tinham o seu lugar nos saraus improvisados no salão, sempre havia quem soubesse de cor um Bilac, um Pessoa... Encantava-me ainda uma edição alinhavada, com algumas páginas soltas e cheirando a passado, de *Oliver Twist*. Aquela história fazia a minha alegria.

Quando concluí o curso fundamental e fui aprovado nos exames de admissão, sabia que chegara minha vez de buscar o título de doutor.

Fui embora no começo do ano, depois do carnaval. Minha mãe e irmãs me deixaram na porta: abraços ligeiros pra esconder o fortuito de uma lágrima. Meu pai, homem rude e justo, me levou até à estação, orgulhoso, carregava a mala de couro cumprimentando indistintamente a todos que encontrava no trajeto com um leve aceno de chapéu.

(Um dia encontrei uma luxuosa edição de *Oliver Twist*, em



capa dura e ilustrações de um pintor francês, num *pub* entre outros livros que serviam como decoração. Nenhuma dose de melancolia se manifestou em mim. Pedi uma cerveja).

Sozinho na capital, música era o bálsamo que eu fielmente recorria pra suportar a fossa que teimava em me afligir o espírito, vários discos dividiam a preferência da agulha da minha vitrola. Canhestramente ousei escrever algumas canções que não fariam bonito nem à janela da musa apaixonada.

Passava boa parte dos meus dias na praia de Itapoã ou na lagoa escura do Abaeté com nativos e fazendo novas amizades (“no Abaeté tem uma lagoa escura, arrodada de areia branca”, cantava Caymmi). Era comum fumar unzinho no fim de tarde chuvoso, enquanto da janela do meu apartamento observava intrigado o verde obscuro das águas do Dique do Tororó.

“TEMPO DAS ÁGUAS”

Foi a única frase que consegui escrever, em letras garrafais e canetas coloridas, na primeira página do diário que não terminei.

No decorrer dos anos, Salvador se tornou uma avalanche de sinceras descobertas, bacana era participar dos movimentos estudantis, política era a palavra de ordem; alienado, a ofensa. Pichar muros de viadutos e faculdades e fugir dos “milicos” já era



mais do que corriqueiro. Eu não compreendia muita coisa e nem fazia questão. Não tinha lido os livros constantemente citados nas reuniões, principalmente àquelas em que participavam companheiros do sul com pseudônimos e discursos inflamados de guerrilha. Trotskistas, leninistas, ex-stalinistas – achava a esquerda brasileira careta. Não me interessava, estava ali pela festa, pelo sentimento de subversão, pelo espírito juvenil utópico. Queria participar de algo, integrar o *métier*.

Numa rele distribuição de panfletos mimeografados, que nem mesmo participei, muitos foram presos. Alguém ligou na madrugada desesperado, dizendo que tava caindo todo mundo. Pela manhã, quando a campainha tocou, não tive dúvidas.

* * *

Em Portobello conheci um casal de músicos portugueses meio *hippies* que planeja se apresentar na Ilha de Wight sem dia previsto. A língua, tão silenciada, nos aproximou e meu interesse musical começou a ressurgir.

Jorge é o exemplo do cara descolado, falante e com uma boca que deve ter mais dentes do que o convencional. Possui um violão artesanal, cheio de efeitos dolorosamente sonoros, anda





sempre na companhia da alegre e festiva comunidade jamaicana a tentar aprender a música deles. Júlia, a outra metade, é filha de pai brasileiro e mãe portuguesa, gosta de cantar antigos sambas em arranjos lisérgicos, sem parentesco com os originais – embora uma versão psicodélica de “Mora na Filosofia” tenha ecoado insistentemente na minha cabeça, não simpatizo muito com aquelas recriações, prefiro suas interpretações mais sutis para canções do Who, T. Rex e do Grateful Dead. Certa vez ela quis saber o que eu fazia no Brasil: “poemas”, respondi. Terminou de beber sua Coca-Cola num único gole e saiu sem se despedir. (Júlia é totalmente andrógina, alta e esguia, lembra uma alienígena de produção “B”, ostenta um misto de *blasé* e *offline* – às vezes nem parece estar presente. Talvez ela cante na televisão, o que, até agora, não ocorreu). Dias depois ela perguntou se eu tinha algo publicado, sem hesitar apanhei um volume das poesias de Gregório de Matos embaixo do balcão.

“Mas este não é teu”.

Não disse que era como se fosse, certamente era mais interessante do que qualquer coisa que eu poderia escrever, disse apenas que era o único livro que eu trouxe na bagagem e um apressado “pode ficar” – ela o atirou com pouco cuidado na bolsa e saiu, como de costume, sem se despedir.

* * *

Por motivos superiores, da Copa do México conheci somente os gritos, porém como explicar isso para os fanáticos torcedores ingleses que vivem a comparar seus ídolos de 66 e 70 com Félix e Everaldo. Às vezes prefiro omitir minha nacionalidade pra não escutar a mesma ladainha de sempre. Parece que eles só encontram ânimo para exaltar Bobby Moore e Gordon Banks.

A última partida que assisti foi Bahia contra Leônico, na Fonte Nova, um zero a zero mais do que sem graça, pela semifinal do segundo turno do Campeonato Baiano. Nas minhas temporadas em Santo Amaro, meu pai, tricolor fervoroso, não me abraçava nem procurava saber como fui de viagem, como iam os estudos, coisas assim. Apenas perguntava se fui a tal jogo, balançava a cabeça positivamente mesmo não sendo verdade e ele exclamava, ainda eufórico com um jogo de dois meses atrás: “Eu sabia que seria batata!”

Não vi a Copa do México, recentemente vi a de 66 num documentário da BBC.



* * *

Na noite passada Júlia, completamente bêbada, falou que não havia lido o livro, mas me presenteou com *Tristes Trópicos*, de Lévi-Strauss, e uma fita K-7 com algumas canções do *Let It Bleed*, dos Stones, disse ainda, numa concordância e regência impecáveis, doces palavras do mar, como letras de um fado amargo. Eram tão bonitas aquelas mentiras que não tive a coragem ou vontade de negá-las. Não que eu quisesse acreditar, longe disso, mas eu precisava ouvir frases assim: carentes de realidade e que me conduzissem a um universo paralelo no qual não me permitiria jamais a residência, somente esporádicas visitas. Como ficou fácil prever, aquelas mentiras repercutiram durante a eternidade de uma única noite – nada mais.

* * *

Permaneci preso numa cela comum de delegacia durante uma semana, sozinho, mas sem desespero. Um dia meu pai apareceu com um político do interior, Dr. Senna, que me disse sem rodeios que estava tudo diferente e não poderia fazer muita

coisa. Meu pai, meio resignado, apenas falou que o Fluminense de Feira de Santana tinha levantado a taça do estadual e que havia uma maniçoba no capricho me esperando.

Na madrugada seguinte fui transferido para um presídio não sei onde. Éramos poucos, menos de vinte, para tanto espaço, jovens imberbes e assustados. Não nos diziam nada, vigiavam, logo ganhei destaque porque falava bem e bastante, mobilizava os internos e exigia melhorias. Conseguimos assim uma refeição aceitável, mais tempo no pátio, livros e até uma bola. Meus companheiros me apelidaram de O Professor, para todo e qualquer problema tinham em mim a solução. Com dezenove anos, eu era mais do que líder, era uma espécie de ancião naquela aldeia, até os “milicos” consideravam minha opinião. Porém, na mudança de comando, foi exatamente essa característica que me levou a ser classificado como manipulador e subversivo, o uso da palavra tinha me apunhalado.

Quando o presídio começou a inflar, me liberaram do “confinamento” com a condição de abandonar o país em cinco dias, “nem uma hora a mais”. Voltei para Santo Amaro abatido e encontrei a família em festa, realmente a maniçoba estava caprichada. Nada falei sobre deixar o Brasil, mas cinco dias depois estava embarcando pra Europa.





Deve ser quase dez da manhã, ainda não dormi nem vi a estrela matinal pela janela do quarto (só a do norte, que trago no peito como um distintivo). “É bom viver” – assim dizem e eu que estou vivo, vivo farto de tudo: dessa terra, dessa Londres. Estou aqui por descaso do destino, pra dizer “sim” ao sim. Não há pra quem olhar, a quem dizer “oi”, aonde ir... Estou sozinho e a cidade deve ser realmente bonita, embora minha vida agora não passe de um átimo, de outro sonho azul, de um mosaico *technicolor* de alucinações confusas revestidas de lembranças (eu não vim aqui para ser feliz). Paro defronte ao Electric Cinema, um cartaz recém-colocado anuncia um novo filme, não sei se aguardo a sessão ou se permaneço a rodar, sei apenas que tudo cai em mim com uma fatídica nostalgia: Gregório de Matos; Gordon Banks; Oxossi; disco voador; uma antiga canção dos Beatles; Rolling Stones; *reggae*; Gonzagão; Subaé; Che; Cardinales belíssimas; Nêga Dolor; o impecável uniforme do policial; o velho sobrado; capoeira do Brasil; *Oliver Twist*; o bonde; o vapor.

Deve ser quase dez da manhã e ainda não dormi.
Chega de saudade.

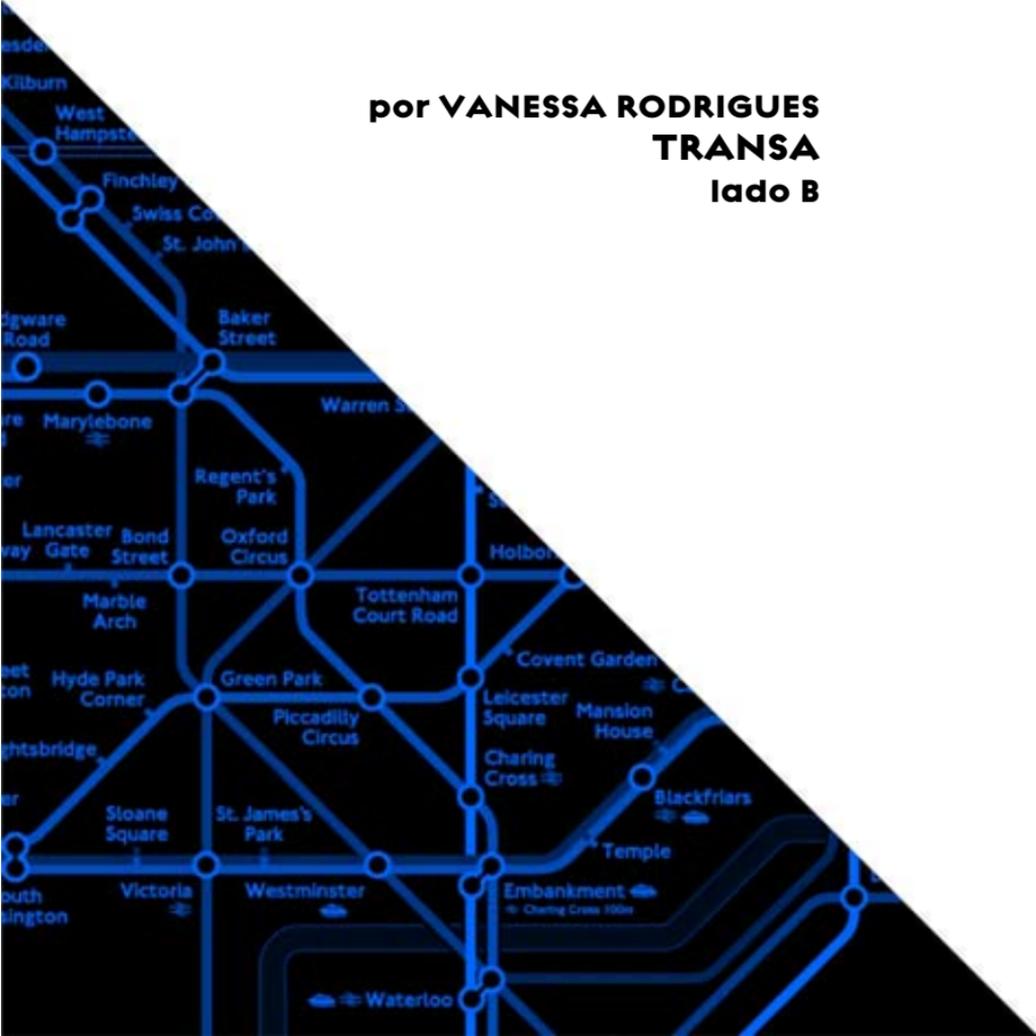
FIM



SOBRE O AUTOR

Herculano Neto é poeta, letrista de música popular, diretor e roteirista de curtas-metragens. Participou dos livros “Os Outros Poemas de que Falei” (Prêmio Banco Capital de Literatura, 2004) e “Sob Prescrição” (Laetitia Editore, 2006). Teve seus poemas publicados pela revista *Cult* nº 110 e a canção “Faz de Conta” gravada por Raimundo Fagner. Funcionário público, cineclubista, neto do Herculano, um reles contador de historias. Edita o *blog*: <http://herculano.zip.net>. Mora em Salvador/BA.

por VANESSA RODRIGUES
TRANSA
lado B





“Só as das vozes conhecidas”, pensava. Guardou algum dinheiro para comprar a secretária eletrônica.

No fundo somos todos covardes. Aquela força que nos arrastava para o bravo combate primitivo já não faz sentido. Nos escondemos numa risada histérica como quem quer se descolar de grudentos olhares, fechando timidamente os olhos, nu na vitrine, sob a voz estridente que berra alguns palavrões por minuto como se aquele ar remexido pela rebeldia verbal adolescente compusesse uma manta de proteção, formasse um mantra. Numa aparente vida existencialista, ou amoral, numa vida atêia e *junkie*, entre as flores de plástico que arranjam o *kitsch* daquela cozinha com cheiro inconfessável de mãe, às vezes atrás da porta, sob o sofá, no vão da escada, enrolada nos rosários de contas de acrílico, coberta por delicados papéis-bíblia, no escuro.

Viajou para fugir, ele. Planejou o risco: quantas horas quebrando pedras em troca de uma passagem para Londres? Detestava inglês. Detestava aulas de inglês, detestava as pessoas

que cantavam junto quando Ella, Nina, Billie na vitrola. A paixão de uma via estreita, sacrifício de Cristo, cruz, fez um rasgo no orgulho e aprendeu as orações precisas (*show me from behind the wall*). Voou e foi. Deixou em casa algumas coisas sem valor, sua mulher, estirada no tapete, cena patética.

E chegou. A primeira vontade que teve foi de escrever uma carta. No fundo ainda estava lá, perto das coisas que o ameaçavam quietas, perto de uns rostos sorridentes bizarros, *freak show* produzido por ele mesmo.

“Se esqueçam de mim! Eu não faço parte disso, sacaram? Não quero mais nada disso, não me olhem assim, não me olhem assim, parem de me olhar, caralho, parem de me olhar!”

“Marulha essa saia de chita e grava numa fita pra mim”. Sinto falta da tua música. Sinto falta de umas coisas que nem aconteceram. Isso aí, bebe, é Ella Fitzgerald. Quando sinto falta, eu ouço. Londres tem um cheiro doce-amargo em todos os lugares. Mas talvez seja só eu que sinto. Talvez seja a falta sei lá de que de lá presa no meu nariz. Mas de resto, é igual aí. Com muito mais gente maluca. Meninas lindas de olhos vazios, aquele olhar vazio, sabe? Está em todos os lugares.

Terminou de escrever, enviou o postal grátis (estava ali tão à mão, destino). Que trajeto faria aquele papel até chegar lá na



prainha? Longe das cores, de onde está agora. O conforto da mensagem em suspenso, em processo. O tempo daquele espaço percorrido pelo postal era como se se embrulhasse em um ônibus a caminho de lá.

Quis estar aqui, ele era um covarde, como todos somos. Estava no saguão, como combinou, um encontro barulhento, velhos amigos. Partiria dali para um lugar qualquer, não importava onde. Ele não ia sair de si: “tu não te moves de ti”. Um alívio. Viveu depois disso muito pouco. O tempo é circular e se enleia na saudade. O tempo pára. As ações ficam plantadas em uma dimensão sem espaço, uma espécie de limbo, um lugar-nenhum em que nada move. Só a vista de dentro, que se esvai aos poucos, é a vida possível.

E ela, a vida, se contou em uma linha de história até receber a resposta dela. Leu.

Quero te contar que marulho sempre pensando em você. E que não há nunca silêncio aqui. Que o mar vem-e-vai sempre. E eu me-vou aí se você quiser. Aquele jogar cabana, lembra? Voltei. Me escondo assim cada pedacinho de mim lá embaixo. Serena disse que deve ser algum problema de infância. Mas me escondo, sempre. Me escondo de mim. O menino fica repetindo aquela história que o sol tá lá em cima das nuvens. E que de lá a

imagem é bem bonita. Ele deve ter lido. Mas é bonito de imaginar. Aí agora eu torço pra que o céu enuue. Fico imaginando você aí de cima vendo tudo bonito. Mas sei que não é assim. Fico bem triste quando nubla. Devia me alegrar. Adoro água. Marulho.

Maria é feita de música. Quase não se pode tocá-la. De certo é feita de ar que se move, só existe aqui dentro – como a música. Leva enroscado em seus colares um trilho de harmonia, tem o olhar triste de uma vela quase se apagando, ou parada, quieta no barco. Ela é pérola de sorriso branquíssimo, paz, a serenidade de seu passado. Mas ele não sabe disso.

Lembra que sentiu uma quase-felicidade quando a viu lavando os pés na pia do banheiro, as pontas vermelhas, os pés brancos de sabão, ela com a saia amarrada entre as pernas morenas, lavando os pés na pia, simples, falando qualquer coisa de magnífico, como “viu, as borboletas silenciaram ontem.” Sentou na mala que ainda arrumada atravancava o caminho no quarto que arranjou. “Enuue”. Maria.

Se tinha Maria no tapete da sala por que está aqui agora?

Algumas epifanias em horas estranhas. Alfaces sentem medo? Riu da bobagem. Ele não sabe ainda que sentirá falta das tolices. Porque resolveu ir embora, se afastar, desligar o telefone. Se esconder. “Laranjas têm alma?”





A Maria lá. Espera uma resposta que salte daquele oceano, ou que navegue em garrafas. Enterra os cabelos na areia, sente um punhado de pedras entre os dedos imaturos. Só o céu, sem avião. Sem ninguém, ela lá. Maria lá não marulha mais. O homem do lado dela, um irmão? A inocência construída nos dias que se repetem (mas por esse trecho do universo, passei?). Dias iguais. Lembrou-se de quando ele olhava com gula para seus cabelos sujos de areia. Uma coisa selvagem, um amor adolescente de saia grudada de chuva, cabelo grudado na cara, a cara lambuzada de laranja, atirar sementes um no outro. Bicho. Lembrou quando viu aquele moleque pomposo, gestos exagerados e largos, canastrão, pedindo informações para uns meninos na praia. Se pode fumar? Claro que pode.

Arregaçou a saia, descalça, alguns movimentos meticulosamente naturais, fingidos, os pés com pontas vermelhas, o cabelo sujo de vento de areia, as pernas morenas, ela se sabia ali provocando. Ele chegou perto. Quer um cigarro? Não fumo, mas você acha que o mar acaba onde?

Antes de ele ir embora ela já sentia medo da distância. Ele ali, sentado no braço do sofá, contando entusiasmado sobre as crianças lá da escola, sobre o disco novo que conheceu (esse Django é fantástico, nêga, precisa ver só), ela querendo contar

que hoje, bebe, hoje eu conversei com um velho amigo e senti coisas que não sinto mais quando você me fala, a gente se falou por telefone, eu contei tudo pra ele, foi bobagem, eu sei, mas o que importa é que aquele bater como antes, sabe, igualzinho, nunca mais senti com você. Mas disse: bota a fita dele para eu ouvir então. O tempo esculpe formas estranhas em rochas. O amor é uma coisa estranha esculpida pelo vento, pelo tempo.

Aqui é bem mais parede que aí. Parede de tijolinhos. Umaz ruazinhas assim de labirinto. Me perco. Pensei que é engraçado eu ainda pensar com as mesmas palavras. Nunca mais usei. Só uso com você agora. Você entende que eu precisava sair daí, não entende? Tudo continua aqui, como a gente imaginava. Em todos os lugares o silêncio, a falta. O que a gente consegue fazer com a gente, né?

Sufocou a verdade. Enfeitou-a como quem se oferece aos altares, mil velas e flores vermelhas trançadas, uma cúpula segura, clausura vaidosa. Ela inventava, criava uma história linda cercado com espelhos rochas assimétricas para transformar aquela vida sisuda em obra de caleidoscópio. Inventava umas andanças, fugia. Ele lá, sem saber dela muita coisa, a menina da prainha, a menina linda da prainha, confessava (em silêncio, para dentro). Nunca confessaram: eu te amo. Mas se queriam bem, todos sabiam. Até que o vento.





Ele lá em Londres andava como quem ainda não está. Era como passar pelo saguão do aeroporto esperando. Era um distrair a vida para quem sabe mudá-la. Conheceu muitas coisas, aprendeu a lidar com aquela gente (*todo mundo é muito diferente de mim, nega*). Comprou um par de botas pesadas (*quando eu voltar vai servir para segurar a cabana da praia*), o primeiro casaco, usou luvas, andou de trem. Conheceu Paris, Madri, foi para o Marrocos, para Compostela, para Roma. Peregrinou em Tóquio, e aquela língua estranha, o ruído das letras que não lhe dizem nada, mas que são tão bonitas, andou pelo centro de Londres, os judeus ortodoxos, as prostitutas, meninas lindas olhos vazios, lhe ofereceram drogas, leu em inglês, conheceu a rainha, andou de barco, viu o céu azul, lembrou de Maria, ela lá, não respondia fazia tanto tempo. Na verdade ele nunca saiu do meio daquelas pernas grudentas de água de mar. Aqui ninguém me conhece, sorria. Lá, ficou Maria e só.

Tô indo. Detalhes acertados e avisou Maria. Meu vô sai às dez. Se pegar o trem hoje, chego a tempo na cidade. Um silêncio agudo. Ela esticava os cabelos ou fazia outr gesto incontrolado e repetitivo de quem já perdeu o controle. Quieta. Ele pela porta, ela se jogou no tapete, em silêncio. Patético, ele pensou. Chorou perto do mar também. Eu preciso ir, Maria, não me

conheço mais. Se foi. Hoje, pensa que talvez não precisasse de tudo isso, no fim das contas ainda estava ali, delirando nos pés sujos de Maria, ouvindo aquela música, ela, em uníssonos com o mar, marulha, Maria, essa saia de chita, e grava numa fita pra mim. Fazia um frio danado, a falta do calor moleque de Maria. Acendeu um cigarro na janela e se imaginou em um daqueles filmes, agora eu vejo daqui de cima o carteiro colocando uma carta lá pra mim, eu desço, é da Maria, e ela me diz:

Ontem me peguei prestando atenção em cada coisa... Quase perdi o trem fascinada por uma sacola que voava redondo, subia e descia como quem dança. O vento era fraco e forte, dava um arrepio na pele quente de tanto sol. Achei bonito. Acho cada coisa bonita... A mãe acha que sou louca, que pareço ter parafuso a menos. Acho que ela tem razão. Eu era bem mais lúcida antes. Mas agora, agora é tudo loucura. Não é que ontem sonhei que a gente estava na casa da tia e de repente entrou um homem estranho vestido de verde, depois virou mulher e parecia a Frida Khalo, mas era um homem antes. Então, esse cara aí apareceu do nada e obrigava as pessoas a se matarem na frente dele. Horrível. Acordei chorando, boba eu, né? Mas só vejo tristeza nesse mundo e só eu percebia a dança suave da sacola no céu. Saudade de minha vida suave com você.



Podia controlar a vida como um filme, quem sabe aquela vitrola do Joe ainda toca Piaf. Resolveu se esconder atrás de um cenário, inventar, por que Maria não me escreve mais? Já faz tanto tempo.

Maria mudou. Levou apenas suas coisas para cidade, alugou uma quitinete, arranjou um emprego de empilhar papéis, abrir pastas, repetição. Precisava mesmo de um relógio, um cronômetro, que gritasse a hora do “viva lá, menina, o tempo que te resta dessa noite é todo seu”. Tinha ainda alguma coisa selvagem (comia sentada na mesa, pés descalços o tempo todo), mas equilibrava o embrulho de chita que era ela em sapatos de saltos altíssimos.

Ele lá era quase uma imagem de fumaça, vincado cada traço no peito. Uma costura desfeita, com os buracos dos pontos sangrando.

As caixas dispostas nas prateleiras eram tentativas de organizar os desejos. A caixa vermelha guardava as fitas, enroladas em papéis de carta perfumados, uma menina nativa de uma terra ainda sem a civilização dura da pedra-concreto, sem guarda-chuva, só a areia, o mar e ela – longe.

Decidiu não escrever mais. O tempo passava só lá fora. Era um relógio sem cordas sua vida de dentro. Tudo era o hiato



entre a cena patética do tapete e a espera de, quem sabe, mais uma carta, algum movimento de antes. O desejo de antes. Sabia que era impossível, o grito não atravessa a parede, como a oração não passa do teto. Sozinha na casa quadrada, minúscula, se sentia pequena. As caixas eram grandes demais para a prateleira medida.

Um dia, num café, reviu um amigo. Antes de dizer qualquer coisa, contar como anda a vida, pois é, voltei sim, ele foi embora. Prefiro não pensar nisso agora, sim aceito, pouco gelo, duas rodelinhas de limão, sem soda. Me abraça? Um pedido infantil, tolo, inseguro. Desprotegida agora que lá longe, ela não é mais Maria, nunca mais marulhou, a saia de chita empoeirada junto com a outra vida, ela agora num cinza meio Londres, na cidade longe da prainha. Me abraça? Estúpida.

As relações humanas são confusas. Tinha uma energia primitiva cada vez que se falavam. Selvagem também, mas não com a ingenuidade de crianças perdidas na ilha lá longe, não como com ele. Uma selvageria inconstante, irracional. Um desejo em letras grifadas, ácido. Corroia porque sempre acabava, era vazio, tinha uma fome no peito, a gula do corpo, esquecer da morte, delirar em orgasmos inventados em cada troca de palavras. Aquilo tudo só acontecia dentro. Um desejo secreto,



pecado, uma seqüência de pensamentos sem moral, vontades, como quem, com sede, se perde em corredores de pequenos doces açucarados. Voltavam a se falar numa freqüência calma, ausências compridas pelo tempo.

Marcaram de se encontrar no mesmo dia em que resolveu enviar o cartão postal: foto de girassóis, um amarelo quente, no verso (*arrenego de quem diz / que nosso amor se acabou / Ele agora está mais firme do quando começou*). Queria se esconder naqueles ombros largos, como criança que se some atrás das cortinas. Mas fica sempre alguma coisa para entregar, uma pista, um remorso, o amor talvez se indo. Foi.

No carro, o silêncio constrangedor como se fosse a menina de antes. Entre. Concentrou-se em algum detalhe da estamparia do vestido, desculpa para não desistir. Se te olho nos olhos, não consigo. Se me lembro de mim, me vou embora, desisto dessa loucura, volto pra prainha, carrego os peixes no colo.

Maria sereia, salgada. Cabeça baixa de cordeiro, sacrifício. O amor não existe. Lembrava da cena patética do tapete. Ele, o outro, puxando as cordas que amarravam o vestido, delicadamente, certo peso masculino, touro valente correndo atrás do vermelho da renda dela. Rendida, entre a parede e ele que a empurrava, a parede que a jogava de volta, finalmente no



espaço louco que precisava – brutalidade doce. Um esconderijo. Tinha o calor que tremia, delírio. A cena fetiche da menina de coxas lisas abertas para o homem feito, que sabia o que fazer com ela, lentamente. Ela se fingindo santa profanada, herege, rameira virgem, no intervalo de tempo entre ele lá e ela em lugar nenhum, no oceano entre os mundos, nadando, mergulhada na cena, sem volta. Queria nunca ter ido e chora lembrando que foi, ao mesmo tempo em que ri de canto da boca, olhar menina, agradece a Deus (ou ao diabo) por ter estado.

Nosso amor está mais firme do que quando começou. Ele lá não conseguiu esconder a alegria melancólica de quem enterra um tesouro e se esquece do lugar. Quanto tempo? Dois anos, três? O relógio sem corda, o tempo aparente, a vida só lá fora. Acertava a hora pelo Big Bang, mas aqui dentro a ampulheta quebrou, voou a areia que lambeu da pele de Maria. Imaginou Maria acordando com outro, estranho. Minha, só minha. Maria era dele, ela lá, só pensava nele, mas ele em Londres, louco em outros ares, mudou de vida. Precisa ainda de Maria, mas é tão lá longe, não volto. E Maria não vem. Não cabe ela aqui. Eu não quero que venha.

Maria nunca quis ir, mas foi, fez verdade a fantasia infantil, adolescente se descobrindo, se encontrou mais algumas vezes



com o outro. Sempre em silêncio, sem olhar nos olhos, se dava só uma parte, a parte de fora, domava os movimentos, ensaiava o ritmo do corpo em música, se balançava numa cadência cada vez mais lenta, como quem atrasa a apoteose de alguma construção pitagórica. Tríade: ela, ele lá, o outro cada vez mais perto. Tato. Gula. As velhas epifanias, poesia aquele corpo todo, treinado, suave. Quem sabe se amor nascendo, sugado pelos poros úmidos? Insistente essa vida.

Ele lá. Uma alegria de ver o sol de vez em quando, lembrava-se de Maria, como o resto do traço firme da página de antes, o relevo baixo, ferro quente, da alma enorme de Maria. Maduro agora, o amor mais controlado, talvez se casasse com Victoria, sua aluna da aula de desenho. Mas talvez não, quem sabe pegasse um imaginário trem de volta pra casa, deixasse Victoria lá, estirada no chão da sala, patética, fugisse de novo das emoções estranhas e humanas. Se reconhecia no espelho agora, era um homem quase feliz – sempre ficam uns farelos da gente por aí. Perdidos em encruzilhadas os desejos, as idéias, as imagens. Escolheu o caminho, está aqui. Talvez não fosse mortal como as alfaces, os girassóis, como as borboletas silenciosas. Quem sabe Maria existiu para mostrar o quanto ainda precisava aprender a viver.



Maria desapareceria como uma fada desacreditada. Talvez tenha virado bolha de sabão, voando pro céu, estourando numa pequena luz breve, delicada, como as laranjas com alma. O olhar perdido de Maria ficou na memória, suave, como os sonhos que nunca aconteceram.



FIM

SOBRE A AUTORA

Vanessa Rodrigues mora em Curitiba, estuda Letras na UFPR e trabalha com revisão, edição e produção de texto. Está mergulhada em uma pesquisa para um livro-reportagem sobre violência doméstica. Gosta de café, chocolate, gin com tônica, Hilda Hilst, Gonçalo M. Tavares, Lygia Bojunga, Clarice Lispector, Beatles, Cat Power, Pato Fu, Ella Fitzgerald, Chico Buarque, Caetano Veloso e horário de verão. Tem um *blog*: <http://meusecadornaofunciona.wordpress.com>





SOBRE O CANTOR

Caetano Veloso é um dos pilares da MPB e filho adorado da Bahia. Começou sua carreira em 1965, transitando entre a bossa nova e o movimento *hippie*. Em 1968, participou da gravação de *Tropicália*, que pegou a cultura brasileira no contrapé. Sua música encontrou eco no talento de músicos como Nara Leão, Rogério Duprat, Torquato Neto, Tom Zé, Gilberto Gil e Gal Costa, fazendo nascer o movimento que ficou conhecido como “Tropicalismo”.

Sempre participando ativamente nos festivais de música e demonstrando sua posição política contra a Ditadura Militar. Prisões e pressões o levaram ao exílio em Londres, de onde retornou em 1972 para o lançamento de *Transa*, disco gravado com amigos brasileiros na Inglaterra.

CRÉDITOS ORIGINAIS

TRANSA — CAETANO VELOSO

Lançado em janeiro de 1972

Selo: Polygram

Para mais informações sobre a banda, visite:

www.caetanoveloso.com.br

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.

52

TRANSA

CAETANO VELOSO

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. YOU DON'T KNOW ME
2. NINE OUT OF TEN
3. TRISTE BAHIA
4. IT'S A LONG WAY
5. MORA NA FILOSOFIA
6. NEOLITHIC MAN
7. NOSTALGIA (THAT'S WHAT ROCK'N ROLL IS ALL
8. ABOUT)

